

FRAGMENTOS POÉTICOS E NARRATIVOS
“PARA” PEQUENOS LEITORES:
LEITURAS DA COLEÇÃO «SE EU FOSSE...»,
DE ANTÓNIO MOTA¹⁹

Sara Reis da Silva
IE – Universidade do Minho
sara_silva@ie.uminho.pt

«Levar uma linha para passear.»
(Paul Klee)

Na produção literária plural e diversamente reconhecida de António Mota, inaugurada, em 1979, com o livro de contos *A Aldeia das Flores*, ponto de partida, aliás, de uma «carreira (...) rica e brilhante» (Rocha, 2001: 113), os cinco volumes a visitar neste conciso ensaio, conquanto não possam equiparar-se, em termos de divulgação às novelas do autor, por exemplo, possuem um lugar especial. Com efeito, as obras da coleção «Se eu fosse...» substantivam uma escrita macrotextual que valoriza, em certa medida, a desformalização, a descontinuidade e o episódico, bem como, como procurámos antecipar no título deste texto, uma indiferenciação ao nível das modalidades discursivas/literárias. Dificilmente poderemos “aproximar” alguma destas obras de outras assinadas pelo autor desse notável romance juvenil que é *O Rapaz de Louredo* (1983), galardoado com o Prémio da Associação Portuguesa de Escritores, da coletânea poética *Sal, Sapo, Sardinha* (1996) ou do conto *O Sonho de Mariana* (2003) (cujas ilustrações,

¹⁹ Este texto foi originalmente publicado no *Solta Palavra* (Boletim do CRILIJ), número 20, em dezembro de 2013.

assinadas por Danuta Wojciechowska, foram reconhecidas com o Prémio Nacional de Ilustração), apenas para citar três exemplos. Na coleção «Se eu fosse...», poesia e narrativa (esta ainda que, quase sempre, de natureza embrionária ou em potência) mesclam-se e abrem caminho a «leituras, releituras, significações e ressignificações», como escreve Latuf Isaias Muccia a propósito do fragmento, e “dizem” ao leitor que ele tem de seguir essas “linhas levadas para passear”.

Na verdade, as características enunciadas, aliadas a uma série de outras, mais de pormenor, sobre as quais nos deteremos de seguida, permitem classificar as obras em análise como inovadoras, singularizando-se como objetos representativos de alguns dos percursos criativos que, na última década, têm emergido no domínio da edição preferencialmente dirigida aos leitores mais novos (e também, note-se, na literatura dita canónica, em geral) e sobre os quais alguma crítica especializada tem já dedicado atenção.

Feitos de «palavras irrequietas», na expressão de Rui M. Veloso, às quais a ilustração de André Letria e Rui Castro, ilustradores dos livros em questão, responde afirmativamente, ora replicando-as, ora acentuando os seus sentidos, os volumes da série «Se eu fosse...» exploram as potencialidades/possibilidades resultantes de um traço físico extraordinário ou invulgar – como a magreza, a altura e a força excessivas – ou de uma capacidade especial – fazer magia. A hipérbole, ou, por outras palavras, a ampliação crescente, por excesso ou por defeito, associada, por exemplo, à proporção, ao tamanho ou à dimensão, provocando estranheza, estipula a superação dos limites da credibilidade e resulta frequentemente em processos de deformação caricatural, produtora de cómico de carácter ou de situação.

É o que se pode ler logo no primeiro volume da coleção, *Se eu fosse muito magrinho* (2003), obra que conta com ilustrações de André Letria e que venceu o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, na modalidade de Livro Ilustrado 2004 (2002/2003): «Se eu fosse muito, muito magrinho podia entrar em casa pelo buraco da fechadura e dormir numa cama mais estreita que o cabo de uma vassoura» (Mota, 2003). E também, com palavras – mais ou menos próximas do registo comum – e ilustrações diversas, mas numa arquitetura e num tom similares, em todos os outros que formam a série em apreço: «Se eu fosse muito alto (...) Podia lavar as orelhas às girafas» (Mota, 2005); «Se eu fosse muito pequenino... Podia tomar banho dentro de um dedal e, nos dias de chuva, uma folha bastava para me abrigar» (Mota, 2006b).

Outros processos técnico-discursivos, como a comparação e metáfora, servindo a recriação de espaços, motivos e figuras do real, respondem ao gosto infantil e desafiam o pequeno leitor a refletir e, até, a ressituar-se em relação ao que o rodeia ou ao mundo em que vivemos. Não são por isso poucas as vezes em que se pressente a existência implícita de mensagens de âmbito ecológico/ambiental, como sucede, de forma recorrente, em *Se eu fosse muito forte*: «(...) Podia tirar o lixo do fundo dos regatos, dos rios e dos mares. (...)» (Mota, 2006a).

Tópicos como a paz e a liberdade perpassam, igualmente, o discurso literário e visual destes textos de António Mota: «Se eu fosse muito forte (...) Podia mandar parar imediatamente todas as lutas e todas as guerras e as fábricas das armas transformavam-se em padarias, bibliotecas e jardins (...). Podia pegar nas árvores altas, grossas e idosas

que os homens desenraízam para fazer ruas e prédios e voltar a plantá-las para que os pássaros aí construam os seus ninhos em liberdade.» (Mota, 2006a).

Assinale-se, também, o *topos* da infância, conotada com o jogo e a brincadeira – «Se eu fosse muito pequenino (...) Podia fazer um barco com uma rolha de cortiça e dois remos com palitos e fazer viagens extraordinárias dentro da minha banheira. (...) Podia ir brincar para dentro de um búzio perdido nas areias de uma praia e adormecer embalado pelas ondas do mar.» (Mota, 2006b) – e aqui ligada (afetivamente) à natureza e aos seus elementos: «Se eu fosse muito alto (...) Podia pegar com muito cuidado nos cabritinhos perdidos nas montanhas e levá-los para junto de suas mães que perderam a vontade de pastar.» (Mota, 2005); «Se eu fosse muito forte (...) Podia nadar horas e horas no alto mar e ajudar a salvar as baleias bebés feridas pelos homens.» (Mota, 2006a). A infância surge, de igual modo, associada às ideias (desejo) de beleza, harmonia, perfeição e felicidade, como se constata, por exemplo, em *Se eu fosse um mágico* (Mota, 2008).

Não menos relevantes são os tópicos da amizade, da entajuda e da igualdade – «Se eu fosse muito forte (...) Podia caminhar sozinho de dia e de noite, pelo mundo inteiro. E a norte e a sul, a nascente e a poente havia de ganhar amigos de todas as cores» (Mota, 2006a); «Se eu fosse muito alto (...) Podia (...) conversar com os meninos que ficam sozinhos nos andares mais altos. (...) Podia tranquilizar os meninos pequeninos que se perdem no meio da multidão e de seus pais que os chamam de braços abertos.» (Mota, 2005).

Algumas palavras, ainda, acerca da composição visual dos livros aqui relidos. Os dois primeiros volumes da coleção, ilustrados por André Letria, evidenciam um discurso

pictórico eficazmente articulado com o registo linguístico, num «prolongamento» (Riscado, 2007: 60) já assinalado, por exemplo, por Leonor Riscado, dando conta, no estilo habitual deste artista, cromaticamente discreto, mas metaforicamente forte, da liberdade de gestos e de ações verbalmente sugeridos. A ilustração dos três últimos volumes, da autoria de Rui Castro, igualmente adequada e esteticamente estimulante, assenta em formas geométricas bastante coloridas, a servirem uma recriação do mundo a partir de um jogo de proporções, de pontos de vista e de perspectivas invertidas. A este jogo junta-se um outro, visível na mancha gráfica que, por vezes, alberga imagens feitas também com caracteres/letras/palavras e que acordam a capacidade imaginativa do leitor.

Genericamente, orientando-se, quer do ponto de vista linguístico, quer do ponto de vista visual, pela conjugação de elementos próprios do álbum, tanto de feição narrativa, como de configuração poética, as obras relidas proporcionam um imaginativo jogo de formulações de hipóteses, a partir dos diversos desejos enunciados nos seus títulos. Não raras vezes, texto verbal e texto pictórico materializam um percurso lúdico próximo do experimental ou concretista, desenvolvendo-se em torno das possibilidades que, por exemplo, uma ambicionada ou efabulada alteração da condição física poderá encerrar. O discurso em primeira pessoa, marcadamente repetitivo e, quase sempre, bem humorado, é alimentado pela hipérbole, estratégia eficaz na “encenação” de um espaço literário pautado pelo maravilhoso e, muitas vezes, pelo *nonsense*. Como regista Ana Margarida Ramos, nestas obras de António Mota, «a simplicidade e até alguma condensação da mensagem verbal é apenas aparente, porque o texto funciona sobretudo como um pretexto, um ponto de partida,

para a viagem da imaginação e da criatividade» (Ramos). Notas comuns a estes volumes parecem, também, ser a vontade de agir solidariamente, quer em relação aos elementos da natureza, quer em relação ao Outro, uma postura altruísta e interventiva que sublinha a capacidade infantil de atuar no sentido da justiça, da paz e da implementação de gestos profundos de cidadania, arredados de certas partes do mundo, bem como uma envolvente presença do onírico. Porque, em boa verdade, estes livros convidam, página ante página, a «descobrir o lugar misterioso onde os sonhos nunca acabam» (Mota, 2003).

Referências bibliográficas

MUCCIA, Latuf Isaias, «fragmento» in CEIA, Carlos (coord.) *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)* - <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 02-10-2013.

MOTA, António (2003). *Se eu fosse muito magrinho*. Vila Nova de Gaia: Gailivro (ilustrações de André Letria).

MOTA, António (2005). *Se eu fosse muito alto*. Vila Nova de Gaia: Gailivro (ilustrações de André Letria).

MOTA, António (2006a). *Se eu fosse muito forte*. Vila Nova de Gaia: Gailivro (ilustrações de Rui Castro).

MOTA, António (2006b). *Se eu fosse muito pequenino*. Vila Nova de Gaia: Gailivro (ilustrações de Rui Castro).

MOTA, António (2008). *Se eu fosse um mágico*. Vila Nova de Gaia: Gailivro (ilustrações de Rui Castro).

RAMOS, Ana Margarida (s/d). «*Se eu fosse muito magrinho*» (recensão) in <http://www.casadaleitura.org/>, consultada em 02/10/2013.

RISCADO, Leonor (2007). «António Mota. 25 anos de histórias» in *Malasartes*, Nº 15 (II série), dezembro de 2007, pp. 57-62.

ROCHA, Natércia (2001). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Nova edição atualizada até ao ano 2000. Lisboa: Caminho.

VELOSO, Rui (s/d). «Obras de António Mota» in http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/biblio_antoniomota_a.pdf, consultado em 02/10/2013.